

Reflexões socioantropológicas sobre festa, religião e cidade no Brasil.

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade. Corpo e Alma do Brasil.** Porto Alegre: Medianiz, 2011, 211p.

Mauro Dillmann¹

Gilberto Freyre no seu clássico *Casa Grande & Senzala*, já anunciava, na década de 1930, a intimidade mantida pelo brasileiro com seu santo de devoção². Tal interpretação da religiosidade vivenciada no país gerou muitos trabalhos historiográficos sobre práticas religiosas ditas populares, que colocavam em dúvida a existência de um legítimo sentimento religioso – pois amparados em fontes eclesásticas – considerando a expressão de fé dos brasileiros como “superficial”³. Recentemente, uma nova historiografia tem revisto estas interpretações e, a partir da perspectiva cultural, apontado outros caminhos de análise, ao considerar a pluralidade das práticas e vivências religiosas, longes de juízos de valor⁴. Os cinco textos contidos no livro aqui resenhado, da antropóloga e professora da UFMG, Léa Freitas Perez, escritos entre as décadas de 1990 e 2000 expressam bem a originalidade das expressões de religiosidade brasileira vinculadas à festividades e ao ambiente urbano. Com um viés sociológico e antropológico a autora associa as três formas sociais de troca e comunicação que são a festa, a religião e a cidade.

Já na introdução, Léa Perez afirma tratar-se de um gênero ensaístico, no qual lança algumas hipóteses de especulação, de tal modo que busca construir sua narrativa a partir do que chamou de “hi[e]stória” socioantropológica. O termo

¹ Doutorando em História/Unisinos. maurodillmann@hotmail.com. Membro do GT História das Religiões e Religiosidades/RS.

² FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 25 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

³ Uma boa análise crítica nesse sentido pode ser conferida em NEVES, Guilherme Pereira. A religião do Império e a Igreja. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. *O Brasil Imperial – volume 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

⁴ OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Faperj/Quartet, 2008; BORGES, Célia Maia. *Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário. Devoção e solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: EdUFJF, 2005; TAVARES, Mauro Dillmann. *Irmandades, Igreja e Devoção no Sul do Império do Brasil*. São Leopoldo: Ed. Unisinos/Oikos, 2008.

hi[e]stória teria a intenção de ressaltar o *double bind*, ou seja, o “duplo vínculo”, a dupla postulação, a diferença e indeterminação de pensamentos.

Nesse sentido, festa e religião seriam dois elementos a promover o desenvolvimento urbano. Portanto, a tríade (festa, religião e cidade) conduziu a antropóloga a pensar o que faz o Brasil ser o Brasil, declarando sua inspiração em Roberto DaMatta⁵, que reflete sobre as manifestações culturais formadoras da identidade nacional.

O primeiro texto intitula-se *“Por uma poética do sincretismo tropical”*, no qual a antropóloga buscou romper com a concepção de que a modernidade seria um projeto inacabado no Brasil. O país estaria bloqueado à modernidade devido às estruturas coloniais, conforme interpretação clássica de Caio Prado Júnior. A modernização seria o desenvolvimento econômico, a eliminação da dependência, a industrialização e a urbanização. Nessa perspectiva, Perez critica a noção de modernidade como redentora, apegada a um passado idealizado, marcada pela nostalgia das origens, caracterizada pelas ideias de que tudo no país poderia ter sido diferente.

Sua intenção é entender a formação da sociedade brasileira na ordem do sincretismo⁶, da mestiçagem, da hibridização de códigos, das múltiplas relações. A mestiça sociedade brasileira, sua plasticidade e movimento estariam traduzidos na festa, na socialidade, na participação, na religiosidade carnal, na sensualidade, nos múltiplos *double binds*. Compreender a realidade brasileira exige o entendimento da plasticidade e liquidez das relações e dos fenômenos que moldam a realidade em permanente transformação.

No segundo ensaio, intitulado *“Para além do bem e do mal: um novo mundo nos trópicos”*, o objetivo é pensar o Brasil, a construção da sociedade brasileira, rompendo com a ideia – tratada no texto anterior – de que o Brasil necessitaria modernizar-se para progredir, construir-se e eliminar a dependência.

A autora destacou características da colonização tropical e do sistema patriarcal, percebendo que senhores de engenho, mulatos, pequenos colonos, comerciantes, escravos se opunham e se uniam. Da mestiçagem, entre a exploração

⁵ Entre outros, DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

⁶ A autora não ignora a discussão atual sobre a problemática do uso da expressão “sincretismo”, mas mantém, nos textos, o uso de tal termo, sob o argumento de que sua escrita é datada.

comercial e a aventura, resultava um sistema social, cujo poder não estava nas mãos exclusivamente dos portugueses, mas de um homem da terra, um brasileiro. A combinação entre tradição e modernidade que permitiu a criação de um “novo mundo nos trópicos”, deve ser compreendida através do entrelaçamento entre eles, do realismo e do sonho, do espírito romântico e do espírito histórico.

No terceiro ensaio, *“A constituição da rede urbana brasileira nos quadros da formação do mundo ocidental moderno”*, a autora analisa a constituição de um modo de vida urbano no Brasil durante o processo de colonização. Em linhas gerais a economia colonial não era uma economia política urbana. O crescimento das cidades começou efetivamente somente a partir do século XVIII, mas o urbano em si já existia, a ordem urbanística das cidades já se fazia presente desde os tempos coloniais. Então, partindo dessa conjectura, a autora vincula a colonização à referência urbana.

Entre os séculos XVI e XVII, as cidades portuárias estavam plenamente constituídas, pois a rede urbana acompanhou o processo de ocupação e a lógica da colonização, ainda que o espaço urbano estivesse organizado de modo disperso e sem continuidade. Aqui se torna evidente a influência do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda que, em *Raízes do Brasil*, destacava a cidade colonial portuguesa na América como aquela que se enlaça à paisagem e à natureza⁷. Esse urbano estava, segundo Léa Perez, no agrupamento de pessoas em torno de igrejas, feiras, praças, Câmaras de vereadores, arraiais, acampamentos, vilas, vendas e aldeias.

No quarto ensaio, *“Dionísio nos trópicos”*, o foco é a festa. É através dela que se pode compreender “o país do carnaval, do samba e do futebol” (p. 100). Quase todas as nossas festas são heranças coloniais, regulam nossas vidas e expressam sentimentos e emoções. A ordem colonial, com suas festas barrocas, públicas, coloridas, luxuosas, com fogos, espetáculos e pompas, promovia o encontro entre a cidade e a religião.

Seriam as festas religiosas as atividades urbanas mais antigas do Brasil e os acontecimentos culminantes das cidades, assim como aquelas dos santos populares, organizadas por irmandades religiosas. Elas seriam os momentos privilegiados do

⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 110.

vivido, do imaginário, da presentificação das tradições e descortinariam uma estrutura carnalizadora⁸.

A festa marca um espaço e tempo próprios em que papéis sociais tomam outra dimensão. Tal como destacou Mary Del Priore, a festa é tempo de utopias, de diminuição das tensões inerentes à diversidade étnica e às distinções sociais⁹. Ela promove diferentes vivências e emoções para uma sociedade que vive do espetáculo, das mudanças, dos contrastes, das misturas.

O quinto e último ensaio, *“Breves notas sobre a religiosidade brasileira”*, traz uma visão panorâmica da religiosidade brasileira, considerada pela autora como *suus generis*. Diante de um multiverso sócio-histórico e antropológico e da multiplicidade de crenças e práticas religiosas, Perez afirma que o brasileiro é profundamente religioso. Partindo desta constatação, a autora buscou construir uma espécie de um mapa da religiosidade brasileira, considerando ainda a dimensão festiva, carnal, pública, coletiva, teatral dessa religiosidade, passando pelo catolicismo popular, pela Umbanda e pelo neopentecostalismo.

A religiosidade estaria associada à festa, portanto, vinculada ao encantamento, à alucinação, ao domínio da rua e do espetáculo. Mesmo na república, e com a secularização, quando se propunha um catolicismo sem procissões, festas sem fogos e sem grandes ritos, o fervor religioso popular permaneceu. “O povo, indiferente às querelas modernizadoras, continuava a realizar suas festas e suas procissões, a adorar seus santos, a fazer suas promessas e suas mandingas” (p. 154).

Nesse sentido, na cartografia de Léa Perez, a Umbanda se destaca como o caso mais paradigmático de uma sociedade mestiça e uma cultura híbrida, como um híbrido entre as crenças afro-brasileiras, kardecismo e catolicismo. Associada à criminalidade, a Umbanda foi tratada, durante boa parte do século XX, como caso de polícia, responsabilizada pela ignorância do povo.

Chegando à contemporaneidade, Léa Perez destaca que as religiosidades são marcadas pelo esvaziamento das religiões tradicionais, apontando para uma recomposição/renovação da sensibilidade religiosa e da experiência do sagrado.

⁸ Interessante destacar que João José Reis já havia definido as combinações culturais afro-católicas, especialmente em relação às músicas nos enterros como “carvanalização” da religião. REIS, João José. *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 62-64.

⁹ PRIORE, Mary Del. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 15.

O esplendoroso e polêmico neopentecostalismo, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus, enfatiza a cura divina e promove a exorcização de exus e pombagiras. Tais práticas, segundo nossa autora, evidenciam a hidridação de códigos, pois para se afirmar, a Universal usa dos mesmos códigos afro-brasileiros, dando-lhes uma conotação negativa. O exorcismo, por exemplo, pressupõe a crença, o temor, o sagrado e o poder.

Outro polo da religiosidade brasileira contemporânea é a renovação carismática, que atribuem ao ritualismo sacramental uma grande ênfase, com missas-shows, com cantos e emoções, hibridizando o sacramento eucarístico com a experiência do êxtase místico.

O olhar antropológico de Léa Perez transita do passado ao presente para compreender o Brasil através da conexão entre festividade, religiosidade e cidade. Com uma leitura e interpretação abrangente das expressões religiosas das cidades brasileiras que seguiam conjugadas com ideias festivas, formou-se, na opinião da autora, a “alma do Brasil”, ou seja, um país mestiço e original em termo de práticas culturais. Mesmo longe de se preocupar com particularidades espaciais ou em definir conceitos como “popular” e “povo”, a leitura da obra de Léa Freitas Perez contribui com as discussões sobre a temática apresentada.

Em meio a estudos sociológicos, antropológicos e históricos sobre temas cada vez mais específicos, mas não menos densos e relevantes, o trabalho de Léa Perez apresenta-se como uma interpretação cultural abrangente, retomando e validando análises mais antigas e clássicas, sem deixar de ser original e competente no estilo antropológico de analisar modos de vida, relacionamentos sociais e sensibilidades coletivas.

Recebido em Março de 2012
Aprovado em Outubro de 2012